

UMA APRENDIZAGEM DE SI EM CLARICE: A PRESENÇA DO ARQUÉTIPO MITOLÓGICO DE AFRODITE NO *LIVRO DOS PRAZERES*

AN APPRENTICESHIP OF THE SELF IN CLARICE: THE PRESENCE OF THE MYTHOLOGICAL ARCHETYPE OF APHRODITE IN *THE BOOK OF DELIGHTS*

Vanessa Stefane Gomes de ASSUNÇÃO

Márcia Denise da Rocha COLLINGE

Maria da Luz Lima SALES

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura instigante que mescla mitologia, literatura e psicologia analítica para revelar a influência que o arquétipo da deusa da beleza e do amor da mitologia greco-romana, Afrodite, exerce na busca pelo amor e na descoberta de si da personagem Lóri, em *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector. Para tanto, analisaremos alguns recursos literários explorados pela escritora na construção de sua personagem, tais como epifania e a busca da identidade, bem como na sua aproximação com o *animus* — conceito junguiano — pela figura de Ulisses. Discutiremos, ainda, como o arquétipo feminino tem a capacidade de aclarar um processo interno para alcançar a ampliação da consciência. Esta leitura interpretativa tece uma rede de conexões com a teoria de C. G. Jung (1875-1961), de críticos da literatura clariciana e de intérpretes junguianos, dentre eles: Benedito Nunes (1989), Olga de Sá, Robert Johnson (1996), Jean Shinoda Bolen (1990), e James Hillman (1981), de modo a demonstrar em que ponto a conexão com um arquétipo mitológico pode abrir novas chaves de interpretação da figura tanto da mulher na obra de Clarice quanto da mulher contemporânea.

Palavras-chaves: Lóri; Afrodite; Arquétipo; Mulher; Clarice Lispector.

Abstract: This article presents an innovative reading that mixes mythology, literature and psychoanalysis to reveal the influence that the archetype of the goddess of beauty and love of Greco-Roman mythology, Aphrodite, exerts on the search for love and self-discovery of the character Lori, in *An Apprenticeship or the Book of Pleasures* (1969), by Clarice Lispector. Therefore, we will analyze some literary resources explored by the writer in the construction of her character, such as epiphany and the search for identity, as well as in her approach to the *animus* – Jungian concept – by the figure of Ulysses. We will also discuss how the female archetype has the ability to clear an internal process to achieve the expansion of consciousness. This interpretive reading weaves a network of connections with the theory of C. G. Jung (1875 – 1961), critics of Clarician literature and Jungian interpreters, among them: Benedito Nunes (1989), Olga de Sá, Robert Johnson (1996), Jean Shinoda Bolen (1990), and James Hillman (1981), in order to demonstrate at what point the connection with a mythological archetype can open new keys for interpreting the figure of both the woman in Clarice's work and the contemporary woman.

Keywords: Lóri; Aphrodite; Archetype; Women; Clarice Lispector.

Introdução

Após o surgimento da escrita de autoria feminina no cenário literário brasileiro a partir dos anos 50, momento em que tal escrita emergiu como significativa, houve um processo de modernização da sociedade, surgindo a oportunidade de criar produções literárias de uma forma mais desprendida da maioria das concepções e dos valores que eram característicos de um sistema totalmente patriarcal que, até o momento, dominava as produções no meio literário. Após esta grandiosa conquista, visto que durante muito tempo a mulher não era privilegiada com a educação, foram construídos novos valores com diferentes perspectivas em referência à trajetória feminina não somente na literatura, mas também na história da sociedade, pois as produções de escrita das mulheres surgiram como forma de protesto para criticar e tentar mudar modelos e valores já solidificados no meio social. Essa atitude, que iniciou com algumas mulheres, foi uma maneira de libertar e ouvir as vozes femininas que eram mantidas em silêncio pelo sistema falocêntrico.

Foi nesse momento complexo que surgiram as produções de Clarice Lispector, a qual foi uma das escritoras que mais se destacou no período da terceira fase do modernismo brasileiro, trazendo para a arte literária problematizações e reflexões sobre a condição social da mulher. A escritora relata, na maioria de seus escritos sob um ponto de vista feminino, sobre a angústia da existência; e suas personagens estão sempre em algum momento crucial de suas vidas, precisando redefinir-se. Em suas confissões a respeito de si mesma, Clarice diz que possui um estilo de busca, por esse motivo, em sua obra, suas personagens estão sempre à procura de algo. As personagens que a autora retrata são mulheres de um cotidiano comum, mas que possuem profundas questões existenciais, ficando ressaltados seus diversos questionamentos sobre si, tendo um olhar cada vez mais voltado para elas mesmas e diante desse mundo que elas percebem ao seu redor.

A história que será apresentada para o foco da discussão sobre o embate social de uma personagem mulher na busca por compreender-se, é a narrativa de Lóri, protagonista inserida na obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, a personagem é uma professora que vive uma vida monótona de trabalho e relacionamentos fúteis até conhecer Ulisses, professor de filosofia, quando entra em processo de redescoberta e vai em busca de si mesma, momento em que Lóri aprende a amar enfrentando seus medos e a própria solidão. A história mostra o sentimento de deslocamento e angústia interior que limita a personagem. Dentro disso, será permeada pela mitologia grega com a deusa Afrodite, – nomeada Vênus pelos romanos – a qual também será um dos focos da discussão, tendo influência sobre Lóri com suas

características marcantes a rodearem-na. A partir disso, apresenta-se um estudo que mescla mitologia, literatura e psicologia profunda para revelar a influência que o arquétipo da deusa da beleza e do amor exerce na descoberta de si da personagem Lóri.

Para Jean Shinoda Bolen e outros mitólogos, Afrodite é caracterizada por ser uma deusa livre, cheia de amor-próprio, além de ser descrita como uma divindade do amor, da sexualidade e da sedução. Em vista disso, serão analisados alguns recursos literários explorados pela escritora na construção de sua personagem, tais como a epifania e a busca da identidade, bem como na sua aproximação com o *animus* – termo junguiano – pela figura de Ulisses, que acaba sendo, para Lóri um guia para o encontro da sua identidade e do amor-próprio. Discutiremos, ainda, como o arquétipo feminino tem a capacidade de aclarar um processo interno pelo qual se passa para alcançar a ampliação da consciência. Esta leitura interpretativa tece uma rede de conexões, de modo a demonstrar em que ponto a ligação com um arquétipo sagrado mitológico pode abrir novas chaves de interpretação da figura da mulher na obra de Clarice e da mulher contemporânea.

A origem dos arquétipos

Para adentrar no assunto com mais propriedade, é preciso, inicialmente, entender as origens dos arquétipos, para então compreender como ele influencia na vida de Lóri e na busca pelo seu eu. As primeiras concepções sobre arquétipos surgiram no ano de 1919, pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, e ao se analisar os princípios da psicologia analítica, concluirá que a maior parte dos pensamentos, conjecturas e crenças que se tem já estavam predeterminadas, ou seja, estes conteúdos estão no inconsciente coletivo, que, de acordo com o Jung (2000), são idênticos em todos os seres humanos, chamando-se também de arquétipos, pois tratam-se de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos – arcaicos –, que ficam marcados no inconsciente da mente humana. Para Jung, os arquétipos são algo que os indivíduos já trazem consigo por experiências ancestrais e precisam ser conhecidos, já que eles estão presentes de forma bem marcante em determinados momentos da vida. Ao dar uma definição para o inconsciente coletivo, Jung diz:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca

estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2000, p. 53)

A diferença entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo é muito importante, pois o inconsciente pessoal é relativo para cada pessoa, podendo ser ativado de diferentes modos e em determinados momentos, visto que os arquétipos são representações de papéis que podem ser desenvolvidos durante a existência de cada indivíduo, dependendo da sua experiência de vida individual. Por outro lado, o inconsciente coletivo é algo que já existe na mente, como uma camada mais profunda da psique, a consciência não tem controle ou influência sobre ele, uma vez que ele é amplo e complexo e resultante de um contexto sócio-histórico geral acumulado de eras. Neumann, em estudos sobre a teoria junguiana, afirma que:

A dinâmica do arquétipo manifesta-se principalmente pelo fato de ele determinar o comportamento humano de maneira inconsciente, mas de acordo com leis, e independentemente das experiências de cada indivíduo. “Como condição a priori, os arquétipos representam a instância psicológica especial que os biólogos chamam de ‘padrão de comportamento’, e que confere a cada ser vivo sua natureza específica.” Esse componente dinâmico do inconsciente exerce no indivíduo, que é guiado por ele, uma pressão irresistível e sempre vem acompanhado por um forte componente emocional. (NEUMANN, 1974, p. 20)

Jung chega à seguinte conclusão sobre a existência de arquétipos, estudando seus pacientes e também figuras mitológicas: para ele, os deuses são metáforas que explicam o comportamento humano. Dessa forma, há a existência de arquétipos escondidos no inconsciente da mente humana que são equivalentes aos seus antepassados. Ao fazer essa alusão às deusas como arquétipos, é preciso voltar ao período primitivo para entender como surge essa ideia e como ela ainda influencia nos padrões de comportamento das mulheres contemporâneas.

O arquétipo da deusa mãe

No período paleolítico, acreditava-se que o poder de tudo que habitava na terra estava relacionado a forças cósmicas. A partir disso, surgiu a deusa *Tellus Mater*, também chamada de a Grande Mãe, a qual exercia influências em todos os seres humanos. A deusa obtinha controle de todos os lados, tanto os bons, que dava felicidade, proteção, paz e harmonia;

quanto o mal, que castigava e maltratava. Dessa forma, eram oferecidos vários rituais para conquistar o seu agrado e manter-se seguro ao seu lado. Acreditava-se também que a divindade era responsável pelo nascimento e pela morte, por isso, “as imagens arquetípicas do Feminino foram construídas a partir das formulações míticas sobre o poder da Deusa na fecundação, na gestação, na destruição e na mudança dos destinos da humanidade.” (RIBEIRO, 2008, p. 104).

Com a imagem poderosa que a deidade apresentava, os homens eram considerados inúteis, pois eles serviam apenas como agentes de fertilização, enquanto o feminino era considerado sagrado, por esse motivo, a deusa os tinha sob seu controle. Como os varões não eram considerados dominantes, a Grande Mãe declarava sua condição como independente e dona de si, pois mesmo casada, seu esposo não tinha domínio sobre ela. Isso tudo simbolizou o início do poder feminino divino e tal imagem da deusa relacionou-se à psicologia da mulher em diferentes fases da sua vida, podendo ser a melhor ou a pior, desde a infância até a velhice.

Por muito tempo, a mulher foi supervalorizada, trazendo um divino em suas ações. Apenas tempos depois, com a invasão dos povos indo-europeus, o homem ganhou consciência da sua importância na procriação de mais seres humanos, com isso, a deusa foi sendo destronada, esquecida cada vez mais — fato que impulsionou a desvalorização do feminino e fez com que o poder permanecesse nas mãos dos homens. A civilização foi ficando cada vez mais patriarcal, inferiorizando as mulheres e até hoje essa desordem social permanece, fazendo com que elas lutem pelos seus valores e direitos. Por esse motivo, o arquétipo tem um grau de importância elevado e pode ser usado para atrair e desenvolver mudanças positivas no modo de pensar e agir das pessoas. No artigo de Maria Goretti Ribeiro, baseado em pesquisas antropológicas das teorias junguianas e nos estudos de Neumann, conclui-se que:

O arquétipo da Deusa desperta na psique de cada mulher e irrompe em todos os setores da vida exigindo mudança de mentalidade e de comportamento que implicam um novo entendimento da masculinidade e da feminilidade nas relações entre os sexos e nas atitudes socioculturais. Ela deseja promover uma imersão profunda das pessoas na sua própria consciência. (RIBEIRO, 2008, p. 106)

Com a volta da consciência feminina sobre a Grande Mãe, a força de expressão das imagens arquetípicas, de acordo com o pensamento junguiano, ganha destaque maior na vida de cada ser humano. Mediante isso, a deusa *Tellus Mater* dá origem a outros arquétipos de

deusas; um deles é a deusa Afrodite, que conecta tanto a energia sensual quanto a mental e a cognitiva. O uso harmônico dos arquétipos das deusas mostra a metáfora de sentimentos e comportamentos adormecidos no inconsciente, ditos por Jung em sua teoria, que precisam vir à tona para promover a consciência das ações e do poder que o ser humano tem.

O arquétipo interfere no jeito que se enxerga e interpreta as outras pessoas, são informações que se têm fixado na memória, sendo que os símbolos formados são fontes de certos padrões emocionais como cada pensamento, sentimento e instinto feminino que sobrevive submerso no inconsciente coletivo; além disso, são compreendidos como expressões metafóricas da psique feminina.

O poder da simbologia dos arquétipos tem uma enorme força na vida dos seres humanos. Uma das linhas da moderna psicologia feminina, seguida por vários psicoterapeutas e psicólogos, incluindo Robert A. Johnson (1996) e James Hillman (1981), respectivamente, trabalha com o conceito de que dentro de cada mulher existem arquétipos das seis principais deusas gregas, a saber: Atenas, Ártemis, Perséfone, Deméter, Hera e Afrodite. Dentro da psicologia analítica, as deusas gregas são conhecidas como arquétipos femininos, de maneira que os arquétipos das deusas fazem menção a características, pensamentos e sentimentos femininos. Dessa forma, ao mencionar o arquétipo da deusa Afrodite aqui, estar-se-á fazendo referência também ao arquétipo feminino. Partindo desse pressuposto, o mito de cada uma destas deusas torna-se pertinente para a mulher, pois estes servem como imagens metafóricas para cada etapa da sua vida. Hillman, através da psicologia arquetípica, lança luz sobre a imagem do arquétipo, presente em cada ser humano, como sendo um fenômeno natural:

A psicologia arquetípica assume axiomáticamente imagens universais, comparáveis aos *universali fantastici* de Vico (S.N. II,I, 1:381), ou seja, figuras míticas que suprem as características poéticas do pensamento, sentimento e ação humana, bem como a inteligibilidade fisiológica do mundo qualitativo dos fenômenos naturais. Através da imagem arquetípica, os fenômenos naturais apresentam aspectos que falam à alma imaginativa, em vez de simplesmente ocultar leis e probabilidades secretas e manifestar sua objetificação. (HILLMAN, 1981, p. 33)

A ideia de Deusa com a qual se pretende trabalhar refere-se a um tipo complexo de personalidade feminina que pode ser reconhecida em qualquer mulher. Para melhor explorar o arquétipo, neste texto será trabalhado apenas o arquétipo de uma das deusas: Afrodite. O arquétipo da deusa do amor diz sobre a sensualidade, a sexualidade, o desejo irresistível entre os amantes, o amor-próprio, a autoconfiança, uma vez que se trata da deusa mais amada, e o autoconhecimento, ou seja, esse arquétipo traz um endeusamento e empoderamento feminino,

elevando a autoestima, deixando a pessoa mais corajosa, mais desejada e cativante. Em suma, a imagem do arquétipo de Afrodite vem revelar mulheres que são poderosas, apaixonantes, afáveis e amadas. Woolger (1994), influenciado também pela concepção junguiana, apresenta a importância da deusa como:

A forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopeia mitológica, [...] o que vale dizer, fontes derradeiras daqueles padrões emocionais de nossos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamento que poderíamos chamar de 'femininos' na acepção mais ampla da palavra. Tudo o que pensamos com criatividade e inspiração, tudo o que acalentamos, que amamentamos, que gostamos, toda a paixão, desejo e sexualidade, tudo o que nos impele à união, à coesão social, à comunhão e à proximidade humana, todas as alianças e fusões, e também todos os impulsos de absorver, destruir, reproduzir e duplicar, pertencem ao arquétipo do feminino. (WOOLGER, 1994, p. 15-16)

Para uma melhor compreensão do pensamento de Jung, os arquétipos são considerados padrões de comportamento que interfere nas ações e sentimentos das pessoas. Com a ratificação de Woolger (1994), é possível afirmar que em determinadas circunstâncias, o complexo do arquétipo é ativado e surge do inconsciente na forma de ações ou posicionamentos que são fortemente marcados por emoções, e a partir disso, o indivíduo entra em uma mudança interior consigo mesmo. Esses padrões de comportamentos podem ser identificados em lendas, símbolos e mitos, mostrando como o pensamento humano vem de uma base anterior comum. O mito da deusa Afrodite é bastante conhecido, seu arquétipo diz que ela é uma Deusa alquímica, justamente pela sua capacidade de transformar a partir do interior do ser humano.

Afrodite em Lóri

Em seu livro *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos* (2006), Martha Robles conta a história do nascimento de Afrodite, que, segundo Hesíodo, diz que Cronos, o filho mais forte, destemido e temível de Urano, criou grande ódio pelo pai, o qual deitava-se com sua mãe, Gaia, e a engravidava diversas vezes, porém não deixava seus filhos saírem de seu ventre para que não o desafiassem. Desta forma, Cronos, cansado das atitudes de seu terrível pai, foi armado com uma forte e afiada foice, a qual sua mãe tinha forjado, e tramou contra ele uma emboscada. Quando chegou o momento certo, atacou Urano e decapitou os seus órgãos genitais, jogando-os ao mar, porém fez com que fecundasse mais uma vez a terra. Os órgãos, que estavam envoltos com as ondas do mar, criaram espumas que se expandiam

cada vez mais em torno das águas revoltas. As espumas se encaminharam até a ilha de Chipre e a partir daí, surge numa concha uma linda mulher, que foi admirada e desejada por todos, Afrodite.

Para entender a influência do arquétipo feminino em Lóri, é preciso compreender que há vários símbolos que representam a deusa posta neste artigo, tais como: a concha, o mar, a maçã e vários outros repletos de histórias por trás. Nesse caso, serão trabalhados alguns deles para mostrar a mudança de Lóri na busca de si e como o arquétipo de Afrodite, mesmo que inconscientemente, instiga a partir desses acontecimentos.

Olga de Sá, grande amiga de Clarice Lispector, escreve em um de seus textos sobre as epifanias dos personagens das quais a escritora tratava em suas obras, e como ela gostava de escrever nas entrelinhas, pois a protagonista do romance inicia em uma situação do cotidiano, aos poucos vai preparando algo no seu subconsciente e finalmente, acontece uma iluminação que transforma o sentido da realidade em outro totalmente novo. Conforme Sá (1984), a indicação da epifania é uma das marcas da obra de Clarice Lispector e esse processo epifânico faz com que sua escrita se torne próxima a de James Joyce. A epifania é um momento de visão que a personagem tem em um instante de sua vida, logo, para a escritora, a epifania é a revelação de uma alegria e êxtase de viver. De acordo com Sá:

O termo epifania vem da esfera religiosa e significa manifestação, aparição, irrupção de Deus no mundo ante os olhos dos homens, sob formas sensíveis. Repentinamente... A epifania constitui, portanto, uma realidade complexa, perceptível aos sentidos, sobretudo aos olhos (visões), ouvidos (vozes) e até ao tato (Gn 32,24; Jo 20, 22). (SÁ, 1984, p. 8)

A epifania acontece para as personagens da escritora em pequenos detalhes de seu cotidiano que, para muitos, seriam imperceptíveis, de modo que causa na protagonista um grande desconforto gerando uma crise de identidade, impulsionando mudanças no seu modo de viver. Essa crise de identidade provoca questionamentos e incômodos, “esse instante, desconhecendo-se, estranhando seu próprio sentir, a crise da própria identidade coincide com o corte do frio, que lhe fere o dorso” (SÁ, 1984, p. 10).

Assim, a epifania existente na escrita de Clarice Lispector consiste não somente em uma técnica da ficção clariciana, vai além: é um processo de estranhamento do personagem, que acorda de um mundo vazio e tedioso, para ir em busca da alegria de viver, da descoberta de si, de uma aventura ao desconhecido. A passagem de uma vida monótona, para a entrega ao medo de viver, o medo da dor e do desconhecido.

A epifania é expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio. Mas é também defesa contra os desafios das descobertas interiores, das aventuras com o ser. Por isso a epifania é sempre um momento de perigo, a borda do abismo, da sedução que espreita todas as vidas. A epifania é um modo de desvendar a vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas, é um polo de tensão metafísica, que perpassa ou transpassa a obra de Clarice Lispector. (SÁ, 1984, p. 12)

A epifania em Lóri acontece depois que ela conhece Ulisses, que a ajuda nessa descoberta de si, entrega-lhe ensinamentos e serve como guia. Em sua caminhada, Lóri sente que vive apenas por viver, sem sentir alegria, percebe que sua vida foi, por muito tempo, uma grande solidão, e então ocorre seu momento epifânico, se questiona sobre tudo e todos e, principalmente, sobre si, até o momento de reencontro da sua alma consigo mesma. Para chegar nesse momento, é preciso entender cada passo que a personagem empreendeu durante sua caminhada de autoconhecimento.

Lóri é uma professora de escola primária, tem por volta de 30 anos, vive sozinha em um apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, já fora rica por causa dos pais, e viajava por diversos lugares, mas agora vive somente da mesada do pai, possui quatro irmãos e é a única mulher da família. Ela tem uma necessidade de se esconder através da maquiagem e é muito vaidosa. Considera seu corpo não muito bonito, era fino e forte, seus cabelos lavados e secos eram como uma seda castanha mais antiga, pintava mal os lábios e olhos, usava um perfume levemente sufocante, tinha orelhas pálidas e compridas como de corça.

A personagem está em uma tentativa de se entender como ser humano, qual o seu lugar no mundo, qual é sua trajetória, e terá que enfrentar alguns medos para se tornar humana. É uma pessoa que tem dificuldade de se lançar no abismo, não quer sentir dor, então ela nega, tem medo de viver e do desconhecido. Assim sendo, quando há nela uma revelação, percebe que não possui alegrias, vive em uma grande solidão e medo, e a partir daí, vai em busca de si, do amor que nela estava escondido, um amor para si.

Já Afrodite, considerada a deusa da beleza, da sexualidade e do amor, encantou não só deuses e semideuses, mas também humanos. Era também considerada a padroeira das prostitutas, repleta de astúcias e sortilégios que, atualmente, são chamamos “afrodisíacos”. Em seu nome foram estimuladas as carícias, as criações de poções mágicas de amor, os encantamentos, tudo para que pudesse seduzir profundamente o ser amado. Com sua sensualidade e beleza, é ela que promove o desejo, divide as atenções que encantam os amantes e os fazem sentir-se únicos. Afrodite, a mais desejada e temida, tinha em suas mãos um gracioso cinto mágico, o qual fazia aqueles que a vissem se encantarem e apaixonarem-se

perdidamente por ela. A deusa une os diferentes amantes, reconcilia, encontra metades que foram perdidas e entrega-lhes satisfações insubstituíveis que jamais poderão esquecer, é capaz de tornar o feio em belo e unir os amantes apaixonados. Por isso, quando Lóri encontra o amor-próprio e a autoconfiança, o arquétipo de Afrodite revela-se e dá lugar ao amor pertencente ao casal Lóri e Ulisses.

Lóri é uma mulher confusa, possui vários medos e não quer encará-los, até conhecer Ulisses, que a põe em questionamento e a ajuda em sua caminhada de descobrimento de si. Ulisses, professor de filosofia, fica apaixonado por Lóri, mas sabe que o amor só pode acontecer após o momento em que ela conseguir se entregar verdadeiramente de corpo e alma, por isso, dá ensinamentos de vida para a jovem professora e espera encontrar seu caminho. Durante a caminhada, Lóri entra em vários questionamentos sobre si e sobre todos que a circundam. Para ser capaz de encontrar a si mesma e se entregar ao amor e à vida, é preciso passar por um momento de quebra em suas percepções e obter um novo olhar para a sua vida, durante esse processo, é possível perceber símbolos da deusa Afrodite que influenciam, de modo inconsciente, no subconsciente da personagem.

Para o primeiro momento, temos a primeira epifania que ocorre no interior da mente de Lóri, momento em que ela abre a visão sobre a vida e entra em questionamento sobre si e também sobre o viver. A partir desse momento, temos uma mudança interior na protagonista: ela anda pela praia — lugar onde Afrodite apareceu para os outros deuses — e de repente ela mantém-se de encontro com si mesma e há um desencadeamento de sentimentos que antes estavam escondidos. Nesse momento da história de Lóri pode-se fazer alusão ao encontro com o arquétipo feminino, que é ativado, de modo que Afrodite entra em ação, iniciando sentimentos de autoconhecimento, coragem e autoconfiança, que aos poucos vão se afluando na personagem.

Vestiu o maiô e o roupão, e em jejum mesmo caminhou até a praia. Estava tão fresco e bom na rua! Onde não passava ninguém ainda, senão ao longe a carroça do leiteiro. Continuou a andar e a olhar, olhar, olhar, vendo. Era um corpo a corpo consigo mesma dessa vez. Escura, machucada, cega — como achar nesse corpo-a-corpo um diamante diminuto, mas que fosse feérico, tão feérico como imaginava que deveriam ser os prazeres. Mesmo que não os achasse agora, ela sabia, sua exigência se havia tornado infatigável. Ia perder ou ganhar? Mas continuaria seu corpo-a-corpo com a vida. Nem seria com a sua própria vida, mas com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim. (LISPECTOR, 1998, p. 27)

Uma das cenas mais marcantes do romance é o momento em que Lóri entra no mar e ocorre a grande epifania da sua vida, a partir desse ápice inicia-se a busca pelo seu eu e pelo

encontro com o divino. Esse momento exato é de Lóri diante do mundo, um mundo que ela não sentia prazer em ver antigamente, e depois, em uma madrugada, seu corpo encontra-se na vastidão do mar e ela é tomada por um sentimento diferente que começa a aflorar e, então, o arquétipo da deusa Afrodite vem à tona trazendo para si uma renovação e um renascimento de si. A conexão que ocorre naquele instante entre o humano e o místico é necessária para, assim, Lóri possa encontrar o seu eu e viver o amor de forma alegre e entregue:

Essa configuração mítica conduz-nos até ao domínio da atemporalidade — quando recorrentemente se vem falando em “mulher antiga” (na fala de Ulisses) ou em “rainha egípcia”, “mulher bíblica”, formulações amplificadoras — e até à esfera da eternização próxima do divino. Tratar-se-á de uma forma de procurar resolver a tensão entre o tempo humano, que é finito, e a aspiração a um tempo divino que é infinito. A iniciar o capítulo que se segue ao da entrada no mar, faz-se eco das consequências desse banho lustrai integrando-se o episódio no quadro sacral que nele se implica. (MENDES, 2000, p. 200)

No entanto, o arquétipo da deusa só pode ser iniciado quando o indivíduo aceita sua transformação. Dessa forma, o processo de ampliação de consciência pelo qual Lóri deve passar ainda precisa ser aceito por ela, de forma que entre em uma verdadeira epifania, pois: “Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.” (LISPECTOR, 1998, p. 28). No momento em que Lóri entra no mar, um grande símbolo da deusa, ocorre um “renascimento”, podendo referenciar o nascimento de Afrodite, cujo nome significa “nascida da espuma”, pois, de acordo com o mito grego, ela submergiu do mar sobre uma concha.

Lóri mergulha nas ondas do mar, “com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo. E era isso o que estava lhe faltando” (LISPECTOR, 1969, p. 28). A concha, outro símbolo da deusa Afrodite, segundo Miranda Bruce-Mitford (2001), compartilha o simbolismo da água, ligando-se à lua e ao princípio *yin*, feminino. O ato de beber na concha da mão a água do mar faz alusão a dois grandes símbolos mitológicos, e começa a vir à tona características do arquétipo feminino da deusa na vida de Lóri.

Um outro símbolo que faz muita referência a deusa do amor é a cor vermelha, que também é muito usada por Lóri em diversos momentos — nas meias e guarda-chuvas vermelhos que Lóri comprava para seus alunos, na imagem do fogo na lareira do restaurante que visitou com Ulisses no Rio de Janeiro, nos crepúsculos da paisagem, nos casacos que

usava, e no batom vermelho que passava. A cor vermelha é uma das representações do amor, da sedução, da paixão, de energia e poder e tudo isso pode representar elementos relacionados à Afrodite.

Fazendo uma comparação das personagens de Clarice e revelando como o arquétipo pode influenciar na vida de alguém, aproximamos para exemplo as personagens Lóri e G.H, do livro *A paixão segundo G.H.* (1964). É possível ver que são duas personagens que, inicialmente, se parecem muito, visto que Lóri no início da obra tem um pouco do vazio e da tristeza de G.H, porém com algo de diferente, “a obra se compõe da aprendizagem que nela vai tomando forma” (NUNES, 1989, p. 81) e, ao decorrer da história, Lóri vai em busca do seu eu. É possível, dessa maneira fazer alusão ao arquétipo de Afrodite em desarmonia em G.H, trazendo sentimentos negativos, e depois se afluando na personagem Lóri, fortalecendo os sentimentos bons do arquétipo. Benedito Nunes diz em seu livro *O drama da linguagem* que:

Como em *Finbildungsgromsn*, cada episódio retoma o fio de uma mesma experiência que continua e cresce [...], mas enquanto *A paixão* foi uma desaprendizagem das coisas humanas, *O livro dos prazeres* é, sem abstrair as verdades trágicas daquela experiência, uma recuperação corajosa do sentido da existência individual. (NUNES, 1989, p. 81)

Dessa forma, pode-se dizer que Lóri, apesar de seus medos e conflitos consigo e com o mundo, permite-se aflorar, permite-se questionar-se, permite desvendar os mistérios que há dentro de si. Diferente de G.H., que vive uma vida neutra e que somente após provar a massa branca da barata, entra em questionamentos acerca das coisas humanas e inicia um processo de aproximação com as características do animal, Lóri vai em busca da sua mudança para renascer como ser humano durante praticamente todo seu trajeto no romance.

Afrodite, Lóri, Serenas

Adentrando um pouco mais no reino dos seres mitológicos, temos as sereias, que também são símbolos que representam Afrodite. O nome de Lóri possui uma referência implícita nas sereias, e Ulisses, uma referência explícita ao canto XII da Odisseia atribuída a Homero, que fala sobre o episódio em que o herói grego resiste ao canto sedutor das encantadoras sereias, ninfas aquáticas que atraem os homens para dentro do mar, levando-os ao afogamento até a morte. Apesar de os homens serem atraídos pelas sereias que apareciam em seu caminho, Ulisses, em *Uma aprendizagem*, fecha os olhos para as outras “sereias”, isto

é, outras mulheres, porque só está disponível para Lóri, cujo verdadeiro nome é Lóreley. Ao comentar o episódio do canto da Odisseia, Junito Brandão sublinha:

As sereias simbolizam a sedução mortal (...), traduzem as emboscadas, provenientes dos desejos e das paixões. [...] configuram criações do inconsciente, dos sonhos alucinantes e aterradores em que se projetam as pulsões obscuras e primitivas do ser humano. Foi necessário, por isso mesmo, que Ulisses se agarrasse à dura realidade do mastro, que é o centro do navio e o eixo do espírito, para escapar das ilusões da paixão. (BRANDÃO, 2005, III: 310-311)

No romance de Clarice, além da representação de “Ulisses”, o nome da personagem “Loreley” acaba sendo também, indiretamente, uma referência ao episódio homérico, pois “Loreley” é o nome de uma sereia, tal como o próprio Ulisses explica a Lóri em algumas passagens da obra:

É uma pena que seu apelido seja Lóri, porque seu nome Loreley é mais bonito. Sabe quem era Loreley? (...) Loreley é o nome de um personagem do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar. (LISPECTOR, 1998, p. 106).

Em uma das interpretações de Brandão, as sereias são formas personalizadas das forças afrodisíacas e o ato de resistir a elas equivale a resistência à Afrodite, a deusa do amor, entendendo-se então o amor como mera satisfação dos instintos. E Lóri, sendo uma mulher atraente, de família rica, a qual vive só e que também já teve cinco amantes, é uma representante da deusa Afrodite e sua “promiscuidade” é comentada por Ulisses:

Escute Lóri, você sabe muito bem como conheci você e quero de propósito lembrá-lo: você estava esperando um táxi e eu, depois de olhar muito para você, pois fisicamente você me agradava, simplesmente abordei você com um começo de conversa qualquer sobre a dificuldade de encontrar táxi àquela hora, ofereci-lhe levá-la no meu carro para onde quisesse, no fim de cinco minutos de rodagem convidei você para um uísque e você sem nenhuma relutância aceitou. Com os seus amantes você foi abordada na rua? (LISPECTOR, 1998, p. 52-53)

Na época, era incomum uma mulher ter muitos amantes e, aos olhos de Ulisses, o fato de Lóri ter tido cinco homens com quem teve relações seria um ato libertino e promíscuo. Essa visão é bastante frequente na sociedade patriarcal, e muitos a aproximam de Afrodite, pelo fato de ela ter-se relacionado com vários homens, tanto deuses como humanos,

quebrando a ideia de conduta feminina imposta pelos moldes patriarcais. Além disso, Afrodite também era considerada a padroeira das prostitutas, na Grécia Antiga, pelo sensualismo e liberdade encontrados nessas pessoas, relacionados à deusa do amor.

Aproximação com o *animus* pela figura de Ulisses

A conquista de Lóri, da sabedoria dimensionada à vida humana, é articulada através de Ulisses, que toma uma posição mediadora com um sentido maiêutico. Segundo estudos de filosofia feitos por Robson Gabioneta (2015), o método maiêutico foi criado por Sócrates e consiste em conduzir um indivíduo para o encontro do conhecimento próprio através de perguntas simples, mas que estimulam a sabedoria já existente na mente, que é aflorada com pequenos estímulos de orientações.

Com a aproximação de Ulisses e Lóri, vem à tona facetas que, antes, estavam escondidas. Jung chamou de *anima* a faceta feminina do homem e de *animus*, a masculina da mulher. Em seu livro *She*, baseado em teorias Junguianas, Robert Johnson fala sobre o *animus* presente nas mulheres, colocando-o como mediados inconscientes da personalidade:

Se alguma mulher quiser mudar algum aspecto da adolescência ao qual ainda esteja presa, precisará quebrar o domínio de seus componentes masculinos, a que está subordinada inconscientemente e que vão comandar seus relacionamentos no mundo exterior. Para que ela evolua, o animus conscientemente reorganizado como tal - precisará assumir a posição entre o ego consciente e o mundo interior inconsciente, onde poderá atuar como mediador. (JOHNSON, 1996, p. 32)

A partir disso, Ulisses entra na vida de Lóri para despertá-la e mostrar-lhe o poder do amor e da liberdade, ele a guia para um caminho de descoberta de si. Apesar de querer estar em sua companhia, e saber que ela também deseja estar com ele, ele a espera, e ela sabe que para amá-lo, precisaria primeiramente amar-se a si própria. Dessa forma, ele traz-lhe questionamentos e reflexões, de modo que a faça questionar-se sobre seu caminho e o conhecimento sobre si, certamente, para um caminho mais livre de tanto medo e com muito mais sabedoria e experiência sobre a vida. Ulisses busca despertar em Lóri uma alegria em viver, já que ela aparenta uma vivência automática durante a vida, cheia de monotonia e um grande buraco dentro de si, à espera de ser preenchido por algo.

Lóri, você está se acordando pela curiosidade, aquela que empurra pelos caminhos da vida real. Mas não tenha medo da desarticulação que virá. Essa

desarticulação é necessária para que se veja aquilo que, se fosse articulado e harmonioso, não seria visto, seria tomado como óbvio. Na desarticulação haverá um choque entre você e a realidade, é preferível estar preparada para isso, Lóri, a verdade é que estou contando a você parte do meu caminho já percorrido. Nos piores momentos, lembre-se: quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser capaz de intensa alegria. (LISPECTOR, 1998, p. 35)

Desde que se conheceram, Ulisses, que era um professor universitário de filosofia e, portanto, já acostumado a usar a consciência para dominar seus próprios instintos, ofereceu-se para “ensinar” e guiar Lóri para o prazer de viver através da humanização dos desejos. Pense, então, no que ele estava se transformando para ela, e em tudo que ele queria que ela soubesse sobre a alegria de viver, supõe-se, durante a leitura da obra, que ele queria ensiná-la a viver apenas livre de toda aquela dor. Havia muitas vezes em que Ulisses desaparecia da vida de Lóri para que ela pudesse, sozinha, aprender algumas questões. “Ele não lhe telefonava, ela não o via: ocorreu-lhe então que ele tivesse desaparecido para que ela aprendesse sozinha.” (LISPECTOR, 1998, p. 41).

A cada dia que passava, Lóri aprendia com Ulisses um pouco mais sobre o amor. Alguns dias, quando o medo a dominava, parecia que iria iniciar tudo do zero, como se nada tivesse adiantado até agora, esses dias eram quando o jovem professor não lhe telefonava, porém, em outros, parecia que a cabeça de Lóri iria cada vez mais clareando e que, em breve, encontraria o que Ulisses tanto desejava que ela encontrasse. A professora do ensino infantil sentia uma grande confusão na sua mente, por diversos motivos, o maior deles era porque sempre sentiu um vazio dentro de si, sempre viveu em uma grande monotonia, mas com a ajuda de Ulisses, sabia que encontraria o amor do qual estava em busca. “E estava conhecendo o inferno da paixão pelo mundo, por Ulisses. Não sabia que nome dar ao que a tomara ou ao que, com voracidade, estava tomando senão o de paixão.” (LISPECTOR, 1998, p. 41).

A ampliação da consciência

No interior de suas obras, Clarice faz um mergulho dentro de cada personagem, que começa, ao longo de sua caminhada, a instigar a sua existência no mundo ao enfrentar autoquestionamentos que começam a ampliar a sua consciência. Quando há esse movimento na mente do personagem, ao viver experiências diferentes no seu cotidiano, acaba despertando uma ruptura de atitudes e pensamentos anteriores que influenciam para o

nascimento de um novo ser através de uma grande epifania, na qual tenta ao longo da sua caminhada se redescobrir e analisar as ações que havia tomado em sua vida anteriormente e as que quer tomar após o encontro de si mesmo. Esse processo de transformação que ocorre com os personagens de Lispector, geralmente femininos, quando relacionado aos arquétipos, é explicado por Ribeiro (2008) da seguinte forma:

O processo de transformação do Feminino foi vivenciado em três estágios da evolução da consciência: a fase da Grande Deusa, que compreende o “estar contido” na totalidade urobórica do Grande Círculo – estágio propriamente inconsciente da humanidade – o “plano da Natureza”, que é a ligação entre a Grande Deusa e o mundo vegetal e animal, e, finalmente, o “plano cultural”, em que se atinge a transição para as transformações da mentalidade. (RIBEIRO, 2008, p. 105-106)

A caminhada de Lóri em busca de si e também da felicidade é bastante trabalhosa, mas a ampliação de sua consciência vai acontecendo ao decorrer do tempo e com a ajuda de Ulisses, que traz a aproximação com seu *animus*. Lóri é capaz de enxergar o mundo de um outro ângulo, e o arquétipo de Afrodite vai tornando a vida da professora menos triste, menos vazia e menos monótona. A mulher que vivia de uma rotina de trabalho e relacionamentos furtivos começa a ter cor e vivacidade, só então, ela percebe a beleza da vida e de estar viva.

A primeira calidez fresca da primavera [...] mas aquilo era amor! A felicidade a deixava com um sorriso de filha. Cortara os cabelos e andava toda bem penteada. Só que a espera quase que não cabia mais nela. Era tão bom que Lóri corria o risco de se ultrapassar, de vir a perder a sua primeira morte primaveril, e, no suor de tanta espera tépida, como que morrer antes. Por curiosidade, morrer antes: pois já queria saber como era a nova estação. (LISPECTOR, 1998, p. 42)

O último símbolo do arquétipo de Afrodite aparece quando Lóri começa a sentir algo diferente ao morder uma maçã que estava em cima de sua mesa. A maçã é um grande símbolo da deusa e, segundo Bolen (1990), na história da mitologia, no casamento de Peleus e Thetis, Zeus estava preparando um grande banquete, mas não queria convidar a deusa Éris, exatamente por ter reputação de “encrenqueira”. Esta ficou furiosa ao saber da notícia e, então, decidiu criar uma maçã de ouro puro, que depois ficou conhecida como o pomo da discórdia, pois nela havia escrito “para a mais bela”, e três das deusas convidadas brigaram para tê-la para si, sendo elas: Atenas, Hera e Afrodite. Vendo toda a confusão, Zeus acalmou as coisas e chamou Páris, príncipe de Tróia, para decidir qual delas era a mais bela e quem deveria ser a dona da maçã. Por sua vez, as três deusas foram falar com Páris para suborná-lo, oferecendo

dádivas. Atenas prometeu a ele grandes vitórias em suas guerras, Hera ofereceu-lhe fortunas enormes e Afrodite lhe ofertaria a mulher mais bela e formosa da terra, Helena. Com isso, Páris acabou cedendo ao suborno de Afrodite e a escolheu como a mais encantadora de todas as deusas, deixando as outras duas furiosas e cheias de inveja.

Por isso, o símbolo da maçã faz parte de Afrodite e conta um pouco mais da sua história também. Lóri, ao morder a maçã, ganha mais um passo para obter a conquista de encontrar o amor, pois, a partir desse momento, ela percebe que algo mudou, como se estivesse partindo para uma nova fase de sua vida, ou como ela diz: uma nova estação.

Havia experimentado alguma coisa que parecia redimir a condição humana, embora ao mesmo tempo ficassem acentuados os estreitos limites dessa condição. E exatamente porque depois da graça a condição humana se revelava na sua pobreza implorante, aprendia-se a amar mais, a esperar mais. Passava-se a ter uma espécie de confiança no sofrimento e em seus caminhos tantas vezes intoleráveis. (LISPECTOR, 1998, p. 50)

Esse momento traz uma grande marca para a história de Lóri, é como se depois desse acontecimento, ela conseguisse, finalmente, alcançar um amor-próprio que nela já não existia há muito tempo. O arquétipo da Deusa do amor começa a emergir, trazendo sentimentos diferentes que contribuem para essa situação. Os símbolos de Afrodite foram aparecendo ao decorrer da caminhada de Lóri em sua descoberta e aos poucos foram fazendo parte de sua vida, de modo que trouxe para o consciente as representações mentais, que manifestam sentimentos positivos que estavam reprimidos dentro do ser humano.

Lembrou-se de como era antes destes momentos de agora. Ela era antes uma mulher que procurava um modo, uma forma. E agora tinha o que na verdade era tão mais perfeito: era a grande liberdade de não ter modos nem formas... E através do grande amor de Ulisses, ela entendeu enfim a espécie de beleza que tinha. Era uma beleza que nada e ninguém poderia alcançar para tomar, de tão alta, grande, funda e escura que era. Como se sua imagem se refletisse trêmula num açude de águas negras e translúcidas. (LISPECTOR, 1989, p. 55)

A partir do momento em que o arquétipo feminino adentra em Lóri, a descoberta de si surge, e com ela o amor-próprio, a alegria de viver e a autoconfiança. Só então, quando Lóri se descobre, é que ela vai atrás de Ulisses, para que os dois possam se amar: “E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que estava antes encarniçadamente prendendo-a” (LISPECTOR, 1998, p.53). O amor carnal entre Lóri e Ulisses só é possível de acontecer quando a própria Lóri alcança o maior amor de todos, o seu.

Considerações Finais

Clarice Lispector sempre traz grandes temas sociais em suas obras e acaba conversando com seu leitor, pois permite que, por meio de um personagem, entre em questionamentos sobre sua própria vida também. Sua escrita perpassa as inquietações da alma, as angústias da vida e a profundidade pertencente ao íntimo da vida humana. A trajetória de uma mulher na busca de si e do sentido da vida traz à tona uma nova mulher, capaz de encontrar na vida um sentido para viver.

O arquétipo feminino aclara um processo pelo qual Lóri precisa passar para alcançar seu objetivo final, a ampliação de sua consciência para poder olhar a vida de outro ângulo. Dessa forma, com a influência do arquétipo de Afrodite, Lóri se torna uma mulher corajosa para ir em busca de quem ela é, mesmo com todo sofrimento que há dentro de si e o seu medo pelo desconhecido. Lispector não se detém em mostrar toda a contradição pertencente a sua personagem e isso mostra que até mesmo nos dias atuais muitas mulheres ainda possuem uma crise de identidade e precisam ir em busca de si. A relação de Lóri e Ulisses traz uma teia de conexões e metáforas para reflexão da vida.

Clarice usa em seu livro uma linguagem de combinações de sentimentos e emoções que perpassam Lóri em toda sua caminhada, desde a monotonia até o encontro de si. A influência do arquétipo feminino ajuda a protagonista clariciana no clareamento de sua mente, levando a personagem a questionamentos internos de descobertas e inquietações. O arquétipo feminino começa a despertar em Lóri a urgência de viver alegremente, diferentemente da sua vida antiga e, a partir disso, a conexão com os símbolos ancestrais começam a aparecer e despertar algo que já havia nela, precisava apenas revelar-se.

Referências

BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher*. Tradução de Maria Lydia Remédio. 3ª ed. São Paulo: Paulus, (Coleção Amor e Psique). 1990.

BRANDÃO, J, S. *Mitologia grega*. vol. III. São Paulo: Vozes, 2005.

BRUCE-MITFORD, Miranda. *O livro ilustrado dos símbolos*. Tradução de Fernando Wizard, Maria Ção Rodrigues. São Paulo: Publifolha, 2001.

GABIONETA, R. A maiêutica socrática como ‘união’ de teorias no teeteto. Campinas: In *Revista Clássica*, v. 28, n. 2, p. 35-45, 2015.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed. 2000.

HILLMAN, J. *Estudos de psicologia arquetípica*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

JOHNSON, R. A. *SHE - A chave do entendimento da psicologia feminina*. São Paulo: Mercury, 1996.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Digital Source, 1998.

NEUMANN, E. *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1974.

MENDES, C. *Clarice Lispector. Figuras da escrita*. Edição Universidade Do Minho / Centro De Estudos Humanísticos. Coleção POLIEDRO 3, 2000.

NUNES, B. *O drama da linguagem*. São Paulo: Estudos literários, 1989.

RIBEIRO, M.G. *O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária*. João Pessoa: Graphos, v. 10, n. 1, 2008.

ROBLES, M. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: Processos criativos*. São Paulo, 1984.

WOOLGER, J. B. *A deusa interior*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1994.

CRENCIAIS

VANESSA STEFANE GOMES DE ASSUNÇÃO

Graduanda em Letras (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).

Endereço eletrônico: stehgomes.2911@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3770607097364881>

MARIA DA LUZ LIMA SALES

Graduada em Letras e especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestre e doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, com atuação em grupos de pesquisa sobre Literatura Brasileira, Infantojuvenil e Outridade.

Endereço eletrônico: maria.luz@ifpa.edu.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2785572000680165>

MÁRCIA DENISE DA ROCHA COLLINGE

Professora do Curso de Letras no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Pará. Doutora em Letras, área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Pará, com período sanduíche em Yale University, EUA, pela Fundação Fulbright. Mestre em Letras - Estudos Literários, pela mesma universidade. Graduada com Licenciatura Plena em Letras, com tripla habilitação, em Português e Literaturas de Língua portuguesa (UFPA-2010); Inglês e Literaturas de Língua inglesa (UNAMA-2014) e Espanhol e Literaturas de Língua espanhola (UNAMA-2017). Atualmente, coordena o Projeto de Pesquisa “Aspectos do feminino: a literatura clariciana do mito ao ritual” (DPI/IFPA-Campus Belém).

Endereço eletrônico: marcia.rocha@ifpa.edu.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1262956754935486>

Recebido em: 15/11/2021

Aceito para publicação em: 15/01/2022